

UM FEITICEIRO ENTRE NÓS



PAULINO JOSÉ FERNANDO WACANHAMBA

UM FEITICEIRO
ENTRE **N**ós

PAULINO JOSÉ FERNANDO WACAHAMBA

Ficha Técnica:

Título: UM FEITICEIRO ENTRE NÓS

Autor: PAULINO JOSÉ FERNANDO WACAHAMBA

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Palatino Linotype 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

ÍNDICE

PALAVRAS DO AUTOR.....	6
I.....	8
O QUIMBO	8
II.....	10
A TRADIÇÃO DO EKWENDJE.....	10
III.....	14
UM SEXO DESPROTEGIDO.....	14
IV.....	18
UM FEITIÇO. UMA LÁGRIMA SALGADA.....	18
V.....	22
UM SONHO, UM OLHAR, UM SORRISO, UMA PAIXÃO INTENSA.....	22
VI.....	26
A CURANDEIRA	26
VII.....	30
UM ALMOÇO EM CASA DA TIA CANELA.....	30
VIII.....	34
A CONFISSÃO.....	34
IX.....	38
UMA SERPENTE EM UM OUTRO CORPO.....	38
X.....	42
O DESVIRGINAMENTO.....	42

XI	46
PALAVRAS DE MARIBEL	46
XII	48
UMA GRAVIDEZ	48
XIII	54
A CLAUSURA	54
XIV	60
O REENCONTRO	60
XV	66
PALAVRAS DA CURANDEIRA: A REVELAÇÃO	66
SOBRE O AUTOR	68

PALAVRAS DO AUTOR

Todos nós temos uma história para contar por mais breve que seja. A nossa história faz-se a partir do momento que nascemos e morremos, ou seja, no intervalo entre a vida e a morte. Cada dia corresponde a uma página. Devem, portanto, estar-se a perguntar se eu apenas vivi número de páginas que consta na obra e, em resposta vos digo:

Não. Não apenas vivi o número de páginas que consta na obra, porém, sim, apenas fui capaz de ter noção dessas histórias que constam na obra e daí a justificação do número delas. Para se escrever precisa-se antes ler, para se ler precisa-se antes aprender a soletrar e, estes processos foram igualmente os motivos do número de páginas da obra. Em contrapartida, o romance «UM FEITICEIRO ENTRE NÓS» foi baseado em factos por mim vivenciados e, a ambiguidade do título foi propositada, sim, de maneira que ao ler criasse no leitor a curiosidade de querer saber exactamente se o feiticeiro de que se está a falar, encontrava-se entre um grupo de pessoas ou preso numa corda apertada. Afirmo que talvez tenha sido essa tal curiosidade que lhe tenha levado até essa página final.

Obrigado!

I

O QUIMBO

As brincadeiras tornam a infância mais divertida.

Desde sempre, minha vida fora repleta de divertidas brincadeiras. Minha mãe, Tia Bel, que é assim que as pessoas, cá na aldeia, a tratam, pois, para mim, será sempre Dona Isabel, tratava sempre de me garantir um infindo banho depois de cada sujeira que fizesse.

Meu pai, Ti Fé, para mim, Dom Fernando, encarregava-se de tudo e a todos enxotar com um simples olhar seu, intimidador. Dizia sempre para minha mãe quando essa reclamasse de seus modos:

- Um homem só deve mostrar seus dentes por dois motivos: mulher e dinheiro.

- Manias suas, mano Fé, não quero que as passes ao Josemar!

Por respeito, as mulheres da aldeia, tratam seus maridos por mano ou, se não mesmo, pelo nome do filho caçula (kasula). No final de cada tarde, depois do sol já estar a dormirar pronto a deitar-se, minha mãe começava suas gritarias a

minha procura para oferecer-me uma desagradável banhoca de água fria.

- Olha só, meu filho, de tanto brincaremos no barro, já estás a criar nonka.

Minha mãe privilegiava tanto a sua língua local que misturava seu português, apanhado até à sétima classe, com seu dialeto.

- Não quero te ver mais a ir para o rio brincar com barro, Josemar, ouviste?

Com a cabeça, eu abanava numa confirmação de um sim negativo.

- Esquece, Bel, como a um alguém apaixonado, é difícil aconselhar a uma criança.

Minha tia, Mbimbi, era muito filósofa e mulher de muitos amores. Meu pai sempre a criticou por só ficar com homens para fazer filhos. Dizia sempre:

- Se tu não arranjares um homem, tiro-te da minha casa aos pontapés, sua cadela.

- Esquece, Cafernando, homem nenhum me quer.

Tratava-lhe, tia Mbimbi, ao meu pai por Cafernando pela sua diminuta altura. Dizia ela que apesar de meu pai ser seu irmão mais velho, sua diminuta altura o fazia irmão mais novo.

II

A TRADIÇÃO DO EKWENDJE

Miúdo obedece aos pais desobedece-lhes.

Pareciam-me, músicas agradáveis aos meus ouvidos, os avisos da minha mãe, pois fazia – exactamente- o proibido por si: não ir ao rio brincar com barro.

- Suku yange! Josemar, por que você não me escuta, meu filho?

Encolhia-me nos lamentos da minha mãe que se mostrava cansada de me tratar os cieiros.

- Pela próxima, avisa-me para eu lhe passar uma porrada. Criança que não aprende com palavra chicote educa. Anunciava, sentado, meu pai olhando o descansar da Aurora para não ter que olhar para a cara da tia Mbimbi.

- Cafernando, nem tudo é na base da surra. Aprende que medo não é respeito. Interrompe tia Mbimbi.

- Não me venhas com filosofices!

- Não é filosofice nenhuma, mano. É a verdade.

- Cala-te! Não me irrites! Vá mazé arranjar um homem pra cuidar.

Meu pai sempre foi homem de tão poucas palavras, capaz de encerrar uma conversa quando quisesse.

- Hi!!!

Espantou-nos o grito da tia Mbimbi, toda bagunçada, com as mãos na cabeça. Só eu e minha mãe boquiabrimo-nos, pois a meu pai nada lhe espanta e continuou observando o pôr-do-sol como se todo aquele amarelo lhe chamasse na promessa de uns amassos oferecer ou lhe tivesse levado a audição.

- Que foi, Mbimbi?! Pergunta, inquieta, minha mãe.

- Não vês, Bel, não vês?!

Continuava, minha mãe, sem entender o motivo daquele pandemónio da tia Mbimbi.

- Olha bem pra o seu filho, Bel, olha!

Despertado do grande encanto, que meu pai depositava ao pôr-do-sol, disse:

- Que porrices essa cadela está por aí a dizer?

- Veja, Cafernando, veja! Anuncia tia Mbimbi.

- Ver o quê? Pergunta, já impaciente, minha mãe.

- Teu filho está a ficar mulume, Bel, nem sequer lhe fizeram o EKWENJE?

Na minha aldeia, todo homem é submetido à tradição do EKWENJE para lhe oferecer machismo e o poder de ser homem. A tradição é feita no mato retirando o falo frontal do pénis e, nesta época, fica o rapaz impossibilitado de ingerir comidas com sal com pretexto de sua mazela jamais sarar. Minha tia tinha visto, naquele momento, um fio de pêlo que despontava – escurecido – na minha virilha.

- Vá mazé ver se te há um homem e pára de espreitar crianças. Descreu meu pai.

- Estás certa, Vakwé! Anuiu minha mãe.

Levantando-se, como um pássaro que aprendeu a voar sem querer, meu pai ainda disse:

- Vão mazé preparar a janta que mulher fica mais bonita na cozinha.

As duas desdenharam a opinião do meu pai e concordaram em levar-me a tradição o mais depressa possível.

- Vai falar com esse cabeçudo do Cafernando, Bel. Alertou tia Mbimbi.

Saindo ainda avisou ela à minha mãe para que não deixasse que meu caso fosse igual ao do meu irmão Mateusinho.

III

UM SEXO DESPROTEGIDO

Nada é mais assustador que se ver em pedaços no chão.

Foi, para mim, um dia inesquecível. Não pelo acto, porém, sim, pela lembrança que sempre, feito sombra, acompanhava-me onde quer que fosse. Lembro-me até hoje que depois daquela conversa entre minha mãe e minha tia, minha vida foi-me uma completa modificação: o hoje tornou-se ontem e o ontem acreditava que o hoje seria o amanhã. Quem me dera ser um blush e fosse apenas usado para deixar as mulheres ainda mais atraentes: deixar toda ela mais atraente.

Pergunto-me então: não serei eu esse blush? Ou não passo de simples plumas que ao invés de aos pássaros ajudar a voar, ajudam-me a mim a regressar ao meu passado vendo não muito, mas um sexo desprotegido, vendo-me ao relento sem nada a cobrir-me o corpo nu? Sem recear que as mulheres assim me vissem, estando eu nu, mas elas coradas de assim me terem visto? Porém, o ontem fica nada mais que uma névoa e acordo-me para o hoje.

- Por que tanto te calas, Josemar? Interrompe tia Mbimbi.

- Nada, tia. Respondo enxotando o resto do meu pensamento.

- Sabe... Anuncia o início de um discurso longo minha tia e sem muito a perder se a ouvir, deixo-a prosseguir:

- Na vida, a gente, às vezes, se perde por tanto se procurar.

- Como assim, tia?

- Veja: não queiras ser como seu pai, pois ele assim o é, porque não sabia o que ser; Não tentes escolher quem tu queres ser daqui pra diante; Deixa tudo com o tempo; Ele leva e traz as coisas; Este, sim, é um verdadeiro motorista; Faz com que todas as pessoas fiquem a bordo em seu espaçoso veículo.

Minha tia, diferente do meu pai, sempre foi mulher de muitas filosofias. O que a meu pai pouco agradava, pois nunca as ouvia. Só eu, minha mãe, mano Mateusinho, e minha irmã mais nova Fátima encarregávamo-nos de as ouvir mesmo que muito pouco as entendêssemos.

- Veja, filho: você será um grande homem com esse seu bom coração. Terá – igualmente – uma linda e boa mulher, pois mulher engana-se com um coração verdadeiro e puro igual ao seu

Entrevi-me a ouvir as enigmáticas palavras da minha tia e ela a contar-mas que sequer vimos o sol a pôr-se. Nem eu queria que existisse noite nesse dia, pois pouco me apetecia voltar ao pensamento do sexo desprotegido.



IV

UM FEITIÇO. UMA LÁGRIMA SALGADA

O que nos mata de verdade é um vento soprado contra nós.

Já era quase o final da tarde e o sol já tinha feito preguiça de adormecer os ossos. Já as galinhas se aposentavam de ser aves para se tornar num esperado cronómetro temporal. Minha mãe encontrava-se indisposta nessa noite, pois após a janta anunciou que já se ia deitar para compensar o dia mal corrido.

Eu, mano Mateusinho, tia Mbimbi, tia Canela, tio Baptista, marido da tia Canela, ambos vizinhos, meu pai, minha irmã Fátima, no colo da tia Canela, fazia mimos e meu primo Zézinho, filho da tia Mbimbi, ficamos fazendo gargalhadas. Quem desconfia do perigo por si clama. Já era quase tarde. Tia Canela e tio Baptista já se tinham ido embora e nós tínhamos ficado a organizar a cozinha: eu, mano Mateusinho, e meu primo Zézinho. Meu pai, Fátima e tia Mbimbi já também se tinham ido deitar.

Se pelo menos Deus nos concedesse o poder de prever o futuro, com certeza, prepararíamos as mais lindas palavras, os melhores abraços e os melhores sorrisos para que as pessoas se lembrassem de nós com os mais bonitos rostos.

Pouco vivemos e muito morremos. Por que existe feitiço de tirar vida e não existe o de dar vida novamente? Quem me dera ser um feiticeiro. Não esses de tirar a vida, mas um feiticeiro bom. Um feiticeiro de dar vida e, assim, as pessoas nem precisariam de morrer, pois abonava-lhes a vida sempre que precisassem. Dizia sempre minha mãe:

- As pessoas fingem que não conhecem o futuro, mas enganam-se, pois a morte é o futuro de todos sem excepção de raça, maldade ou bondade.

- Por que existem pessoas más, mãe?

- Pessoas más não existem, meu filho. Elas vão existindo. É tudo um processo, entendes?

Para minha mãe, as pessoas nasciam todas boas, só depois se tornavam inócuas. Quem me dera existisse um antídoto para o mal...assim, curava todo mundo do mal.

- Não se pode fazer nada quando a escolha é arbitrária, meu filho.

Já perto de o galo anunciar o iniciar de um novo dia, ouviu-se uns tremendos gritos de aflição mal direccionados da primeira vez e mais intensos e já com direcção para nossa casa da segunda vez. Apercebi-me que era tia Mbimbi gritando:

- Meu Zézinho, meu Deus!!! Meu rapaz não!!!

Assustei-me, interrompido de colocar-me em pé como se os gritos me tivessem cortado os pés com lâminas lançadas no seu soprar. Vi, pela primeira vez, meu pai aflito quando a correr me ultrapassou, quase sem saber por qual lado era a saída e, em seguida minha mãe. Correram em direcção a casa da tia Mbimbi e eu, ainda tateando a ver se encontrava meus pés, ganhei-os de volta e segui. Vi – vulnerável – meu primo – já sem o uso do seu corpo. Pensei no momento que tivemos anteriormente e no meu pensamento de feiticeiro de dar vidas, mas nada me ocorreu apenas uma lágrima salgada beijou meus lábios. Esta lágrima que meu primo se encarregou de mandar para mim.



V

UM SONHO, UM OLHAR, UM SORRISO, UMA PAIXÃO INTENSA.

O que nos cativa não são romances vividos e vivos.

São, pois, os que vivemos e por eles morremos.

Foi numa noite, quando a inspiração me faltava, que decidi escrever-lhe uma missiva imaginária. Tudo era bonito, pois parecia que o céu se arrosara em meu teto, meu simples teto. Como pode um pensamento bom apagar-nos mil lembranças más? Pois, já não mais me lembrava da véspera noite em que vi – estendido – meu amado primo Zézinho. Apagava-me, agora, aquele pensamento bom, uma lembrança má. Em meu novo pensamento bom, conhecia, agora, uma boa e linda lembrança que me trouxe comum sopro, como um banquete, as palavras da tia Mbimbi na conversa que antes tivemos. Não será, agora, verdade que eu sendo homem de bom coração conhecera, já, a mulher boa e linda de que falara?

Entretenho-me neste questionário até ver – escurecido – o teto antes rosado. Fecho os olhos e vejo-me com ela...quem é ela? Ajeito-me em gestos de macho predador, estendo-lhe a mão e sai-me pela boca:

- Chamo-me Josemar e tu?

Nada ela me disse para além de um olhar e a seguir um sorriso. Ocorreu-me que os anjos não possuem nome apenas olhos e sorrisos lindos. Serei eu, agora, um baptizador de anjos inominados? Não me ocorreu um nome para aquele anjo tão merecedor de um nome que fosse « o nome » e não « um nome ». Ocorreu-me então:

- Já sei...chamar-te-ei Marianjo.

Nada disse. Apenas um sorriso inapagável.

- Chamo-me Maribel. Disse interrompendo o sorriso.

- Tu tens voz?

- Como pode alguém não ter voz?

Para mim, Maribel não era um alguém: era um anjo e os anjos não têm voz apenas branqués e lindos sorrisos.

- Eu sou que nem você. Acrescenta.

- Como pode alguém ser tão lindo?

- A beleza não se vê pela fresta do olhar. Há que – completamente – abrir-se os olhos.

De onde Maribel viera? De que mundo era? Descarto, agora, a possibilidade de ela ser um anjo, pois assim mal se assume

Maribel. Trato-a por um alguém. Um alguém cuja existência não se conhecia. Inquieta-me o desejo de a voltar a ver. Mas onde? No sonho, claro. Como?

- Como se invoca um anjo, Maribel? Pergunto tateando uma possível resposta.

- Não se chamam anjos, pois estão sempre connosco.

- E tu...estás sempre comigo?

- Sempre. Responde ela convicta.

- Ensina-me a ver-te fora do sonho.

- Enxergue-me. Não pela fresta do olhar, pelo olhar completo.

Maribel via-se tão cheia de filosofias que me lembrava tia Mbimbi. Ora! Não será que fora sua ensinadora de filosofias? Pois, já falara de Maribel, não como sua aprendente, como boa e linda mulher.



VI

A CURANDEIRA

Todos cremos na existência de DEUS,
mas descremos quando achamos que ESTE nem tudo pode.

Preferia eu manter-me intacto no grande sono e sonho que tive de Maribel, mas cá na aldeia, onde os despertadores se ausentam e quando os galos adormecem sem cronometrar seus relógios interiores, minha mãe encarregava-se de acordar-me e surpreender-me com um toque no pescoço, na cabeça e depois no bandulho, como quem quisesse procurar temperatura usando sua mão-termómetro. Uma mãe tem o dom de farejar doenças nos filhos e, com um simples olhar saber que algo não está bem com eles.

- Watokota mona wange!

Com um simples passar das mãos, minha mãe logo soube que eu tinha febres. Admira-me este dom cedido por DEUS a estas criaturas.

- Suku yange!

O susto escurecia o rosto claro da minha mãe. Todos defendem que eu era o filho legítimo da minha mãe, pois muito com ela me parecia. Mas, como pode um filho não ser legítimo de sua mãe? De um pai talvez, mas de uma mãe?

- Bel, este rapaz, sim, é seu filho. Dizia tia Mbimbi.

Para ela, mano Mateusinho e minha irmã Fátima eram – simplesmente – filhos do meu pai, pois, conforme ela, pouco se pareciam com minha mãe. Só eu tinha herdado o carisma e o tom de pele claro da minha mãe, por isso só eu era filho dela.

- Que feitiço Cafernando usa pra dormir com uma mulher e engravidar outra? Inquiria tia Mbimbi olhando para minha irmã Fátima e para mano Mateusinho.

Conversa que a minha mãe pouco lhe agradava os ouvidos.

- Vira-te pra lá, Mbimbi, que aqui não se ouvia nada.

Minha mãe confia inteiramente em meu pai que nenhum zunir de mosquito lhe atabalhoava sua fidelidade.

- Vou-te levar pra a avó Kantihiky pra que ela te trate essa febre. Anuncia minha mãe.

Pouco havia ou, se não mesmo, sequer havia um posto médico na aldeia, que as curandeiras decidiram abrir seus postos médicos. A avó Kanthiky era uma curandeira de grandes curas e feitiços capaz de virar ao avesso o que fosse. Sua casa afugentava confortos. A cubata de tratamentos apenas se inundava de missangas, unhas de não sei o quê, chifres de mamíferos cujo nome desconheço, panelas velhas e ervas diversas. Tudo muito assustador, mas não mais assustador que seu semblante quando sentiu nossa presença em sua residência. Cara enrugada, altura alta, pés descalços, panos por ali e por aqui do corpo. Estendeu-nos a mão em gesto de saudação:

- Bel!!! Ove kuno?! Disse com familiaridade.

Admirou-me aquela familiaridade com que tratava minha mãe. Já tinha minha mãe ido ter com avó Kanthiky? Se já, que fora ela fazer naquele lugar tão assustador? Logo me apercebi que a curandeira era mãe da mãe da minha mãe logo: minha bisavó.

- Sendem, sendem ari no mbanguinho.

Servia-se a curandeira, aliás, minha bisavó do seu quase morto português para pedir que ficássemos à vontade e que nos sentássemos num de seus bancos.

- Endão, Bel, tá tutu mbem?

- Tudo, sim, avó...só o Josemar que acordou com um pouco de febre.

- Ndeixa ainda lhe ver.

Levantou-se a minha bisavó para fazer o mesmo gesto que minha mãe fizera logo pela manhã com suas mãos-termómetros. Quase tranquila, a curandeira anuncia:

- Eri está mbem. Só acertou indisposto, Bel.

Que médico mede a indisposição de um paciente com um termómetro? Nenhum, claro. Ela não era uma médica nem suas mãos eram um termómetro. Eram, pois, umas mãos-termómetros de uma curandeira-médica.

Tive medo que ela revelasse meu anterior sonho com Maribel a minha mãe e, com um gesto, pedi a minha mãe para que voltássemos já à casa.

VII

UM ALMOÇO EM CASA DA TIA CANELA

Sabem-nos melhor os últimos pedaços de funje.

A manhã bem acordou e as pessoas saudavam-na com acenos e um « bom dia! ». O sol sorria para todos esbanjando felicidades, pois era um dia a si dedicado: um pequeno grande “Sunday”. Já todos estávamos preparados para assistir à missa, quando, com sinos de aclamar pelos anjos, o padre avisou a hora da entre da sua missa. Cá na aldeia, os relógios nos faltam e as horas, por isso, nos fogem. Inventamos, então, nosso tempo e nossas horas e, aos domingos, quando se ouviam os sinos, significava que estava na hora de mais um encontro em nome do Menino Jesus. Veio-me, agora, o desejo de que aqueles sinos do padre Sapalalo tenham aclamado também o meu anjo: minha querida Maribel.

Vesti-me com gestos de apresentação ao meu anjo, para que Maribel visse o quão eu era elegante e preparado a apresentá-la ao padre como minha legítima esposa. Já na igreja, vi o padre Sapalalo, mas não vi a minha esposa. Desanimei-me. Como pôde ela abandonar-me em nosso dia de casamento e legitimação?

- Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe! Anuncia padre Sapalalo.

Será que ele também ficara descontente com Maribel por não ter comparecido, tal como eu? Tomara! Pois, que fez Maribel perdão não tinha. Não fomos à nossa casa após a missa. Dirigimo-nos para a casa da tia Canela, pois tinha ela preparado um almoço que para todos chegaria. Apetecia-me comer funje e carne de galinha junto de Maribel, fazendo o que nas novelas fazem: dar-se a comida à boca esbanjando felicidades de muitos amores.

- Coma, ó rapaz, que senão a comida esfria. Anuncia tio Baptista.

- Está bem, tio.

- Mas, que um rapaz como tu tanto pensa?

Tio Baptista é um homem brincadeiro tanto que divertido. Ele conhecera-se com meu pai quando moços, por essa razão os dois chamam-se irmão um ao outro.

- Nada, tio...

- Coma primeiro depois pense, pois é impossível fazer duas coisas ao mesmo tempo.

- Ouve o tio Baptista. Anuíu tia Canela quando mergulhava uma bola de funje no molho de carne de galinha.

Comi. Foram apenas duas ou três bolas de funje mergulhadas em molho oleoso, mas bem preparado da tia Canela. Depois do almoço, tia Canela, minha mãe e tia Mbimbi encarregaram-se de desfazer a mesa. Meu pai e tio Baptista sentaram-se à televisão, acompanhados de cer veja servida. Eu, mano Mateusinho, Fátima, Marissol e Tchissola, filhas da tia Canela, bebemos gasosa e ficamos no quintal vendo o final da tarde.

“Quem me dera Maribel cá estivesse”. Pensei.



VIII

A CONFISSÃO

“Eu, Josemar, dou agora a palavra à Marissol para que conte sua história.

Vemo-nos antes do final desta obra”.

Com apenas dezasseis anos que tinha, a vida já se tinha tornado, para mim, um completo mistério. Desde sempre, eu vivera cá na aldeia do “Kuvoco” com meus pais: Baptista e Canela. Minha mãe tratava sempre de reparar o despontar das minhas tetas com muita veemência.

- Já não és criança, Marissol, sabes que podes contrair uma gravidez se te deitares com homens.

- Mas, mãe, eu não tenho homem nenhum.

Desde sempre, garanti à minha mãe que homem nenhum se aproximara de mim nunca. Poucos viam o que via minha mãe: uma menina com seios a indicar-lhe o caminho, quadris silhuetados, corpo bem desenhado capaz de espantar babas aos homens. Ninguém via. Nem ele. Este que antes tomara conta das palavras até me passar. Por isso, uso dois corpos.

Não que seja uma feiticeira de corpos, mas feiticeira dele: do meu amor.

Desde o dia que em mim escoou sangue por entre as pernas sem que houvesse ferimento, minha mãe tratara-me como mulher feita, mas ainda incompleta.

- Isto significa que já estás pronta, filha. Mas...

- Mas, o quê, mãe?

- Mas, ainda incompleta.

Para minha mãe e para as mulheres da aldeia, uma mulher só se tornava completa quando, para além de escoar sangue em cada mês, esta for capaz de produzir. Por isso, ela diz sempre:

- Homem nenhum fica com mulher que não lhe dê filhos, minha filha.

Diz sempre meu pai para minha mãe em suas conversas:

- Cá, na aldeia, mulher, o desbravar a terra e o trabalho agrícola dignificam o homem. O ter e dar filhos dignificam a mulher.

Preocupa-me esse pensamento da aldeia. Ele pouco olharia para mim se não pudesse ter filhos. Não será que mulher que possa ter filhos já tenha cheiros? Não será que tal como os animais os homens também consigam farejar cios? Oxalá o facto de ele não notar minha presença não seja por eu não apresentar cios, mas que seu olfacto esteja intrigado por uma constipação, por isso não note os cios que tenho todos os meses.

Há cá, na aldeia, feitiços e feiticeiros de virar ventres e tornar mulheres inférteis em férteis ou vice-versa. Minha mãe falou-me disso um dia. Falou-me inclusive de uma feiticeira-curandeira familiar que tudo fazia, porém interrompi-a, neste dia, pois pouco me agradavam aquelas conversas.

- Não precisarei de tratamentos nenhuns, mãe, eu posso ter filhos.

Não me agradava o facto de minha mãe duvidar da minha fertilidade.

- Não te zangues, filha...

- Não estou zangada, mãe, mas, sim, eu sou fértil e ponto final.

- Está bem, filha, estava só...

- Estavas nada, mãe.

Retirei-me do quarto e corri o mais longe possível pelo mato na esperança de uma hiena, um lobo, ou seja lá o que fosse, me receber em seus abertos braços e farejasse meu cio.

IX

UMA SERPENTE EM UM OUTRO CORPO

Poetas inventam estórias eu invento nomes. Não serei eu uma poetisa de inventar nomes? Arrumo os meus pensamentos e em seguida o quintal a pedido da minha mãe, pois, nessa manhã receberíamos visitas: minha avó Tchateya e meu avô Císio: ambos meus avós maternos.

Quando apenas tinha dez anos foi a vez última que deixei de ver meus avós. Minha avó é cheia de estórias de meter sono até os morcegos.

- Sabia, minha neta, que o morcego é igualzinho a um ser humano?

Para minha avó, o morcego era igual a um ser humano, pois carregava o peso da ave mamífera possuidora de diversos males e feitiços. Cá na aldeia, as aves representam perigo de matar: o morcego se visitasse uma casa, vinha apenas trazer recados de morte; a reunião de águias no alto anunciava, igualmente, perigo de morte. Meu avô Císio cortava palavra à minha avó para que deixasse de inventar tais estórias de assustar crianças.

- Não são estórias, marido. Não sabes já? Cá, na aldeia, transborda-se de feitiços e perigos.

Meu avô pouco falava e pouco ligava para as estórias que minha avó contava para nós, pois era homem de poucas palavras. Ouvi sua conversa com meu pai certa vez:

- Ouve, genrito, eu já fui grande pessoa.

- Agora já não o é, sogro?

- Não. Agora não passo de um simples marido. Uma espécie de mordomo.

Para meu avô, no seu tempo fora sempre diversão, pois antes mesmo de conhecer minha avó conhecera várias mulheres.

- Sabes que mais, genrito? Agora fazem sentido todas essas estórias de feitiços que minha mulher conta, pois eu acho que ela usa um.

- Como assim, sogro?

- Eu conheci uma gaja de cios esbanjados por todo o corpo antes da minha mulher. Agora acho que ela usou um de seus feitiços de puxar homem.

Meu avô pouco acreditava em feitiços, e agora afirmava que minha avó possuía um de puxar homens? Se isso for verdadeiro, eu também gostaria de possuir para puxar ele para mim para que não ficasse com mais nenhuma só comigo.

Depois do almoço que minha mãe tinha preparado: funje de maxoeira e carne de galinha, eu e minha avó sentamo-nos à sombra de um embondeiro.

- Avó, a senhora possui algum feitiço? Perguntei.

- Sim, minha neta.

Assustei-me. Afinal, o avô tinha mesmo razão: minha avó puxara seu homem para si para que fosse só dela.

- Mas, não é um feitiço de matar pessoas, minha neta.

- Então, qual, avó?

Inclinada puxou-me a mão como quem me quisesse ler ou soletrar algumas palavras.

- Sabes, minha neta, tu és que nem uma serpente.

- Como assim, avó?

Que feitiço possuía, então, minha avó se não era de matar pessoas nem de puxar homens?

- Serpente muda de corpo quando não se sente bem em um e você, minha neta, também o faz.

- Não entendo, avó.

- Hás de entender um dia, minha neta, hás de entender...

Pouco entendia aquela conversa. Como podia eu ser que nem uma serpente? Sei que este réptil sem membros camufla-se mudando de pele o tempo todo, mas e eu que terei a ver com isso? Sou uma serpente em um outro corpo segundo diz minha avó.

X

O DESVIRGINAMENTO

Na minha terra todo cheiro é igual. Antes do entardecer, eu e minha mãe encarregamo-nos de acarretar a água. Cá, na aldeia, não há torneira que jorre água nem há sonda para facilitar quem seja. Há é um «ONHOMBO» (pequeno poço feito na terra húmida que conserva a água da qual nos servimos para beber). Como se passasse por uma purificação, a água aparece nítida e livre de impurezas no pequeno poço.

Depois do jantar, pouco nos ocupamos para um serão, pois minha mãe anunciava um infundável sono com seus bocejos. O casal foi-se deitar, eu e minha irmã Tchissola também. Na cama o sono me faltava e, de rosto para o escuro teto, veio-me um pensamento sobre a antiga conversa com avó Tchateya: eu ser como uma serpente. Talvez seja verdade, pois minha mãe diz-me sempre o quanto meu corpo era venenoso. Um brilho ilumina o escurecido teto que até cheguei a ver um louva-a-deus olhando para mim com desejos extras. Não liguei, pois se de mim se alimentasse morreria com meu veneno. Deixo-me cair no sono aos poucos e sinto-me hipnotizada por ele.

Esgueiro-me da vida para passar para uma morta vivente. Sinto-me os seios imprimirem-se ficando minha respiração

mais quente. Levanto-me os quadris em sinal de continuação do acto prazeroso e ouço-me mais ofegante que jamais alguma vez fora.

Sinto-me ser desmontada do corpo e da roupa, entretanto calo-me fazendo sinal de querer mais e um frio me aparece entre o ventre. Que sensação seria aquela? Nenhuma explicação me apareceu como resposta. Volto ao prazer vendo-me entre o sono e o escuro. Lembro-me, então, da dúvida que tinha minha mãe sobre minha fertilidade. Será essa a oportunidade de eu provar para ela o quanto sou fértil? Aí, com certeza, ela me arranjará qualquer homem que quisesse e que a ela agradasse. Cá, na aldeia, os casamentos são, na sua maioria, contra a mulher e a favor do homem e dos pais.

- Hás de apertar os dedos com o filho do senhor Reis: Kasinda. Parece-me ser bom rapaz e trabalhador. Alugava-me minha mãe um marido.

- Mas, mãe, eu nem gosto dele.

- Não se trata de gostar ou não, minha filha, trata-se do teu futuro. O gosto vem depois.

Essa decisão teve mil contestações minhas e da minha avó Tchateya, pois, para minha avó, eu devia escolher quem eu queria para mim e não ser leiloada.

O prazer assombra-me novamente. Com efeito, se antes fora prazer, agora, não passava de dor. Entreabro as pernas e sinto-me retida por uma penetração. Gemo de dor. Ninguém me ouve. Mantenho-me firme numa dor que aos poucos deixava de ser dor e se ia tornando prazer novamente. Aperto-me entre os braços e gemo ainda mais deleitada, primeiro prazer, depois dor e agora prazer que parecia infinito novamente.

«Há, afinal, sensações incríveis». Pensei.

Vinda bem lá do fundo, em forma de flagra, era a voz da minha mãe.

- Marissol...! Está na hora de acordar, mulher.

Não será que minha mãe me vira ou me ouvira soltar gemidos de prazer? Não será que ela tenha visto o meu desvirginamento? Agora, nada mais me sobra do acto senão um prazer lembrado e uma gota de sangue.

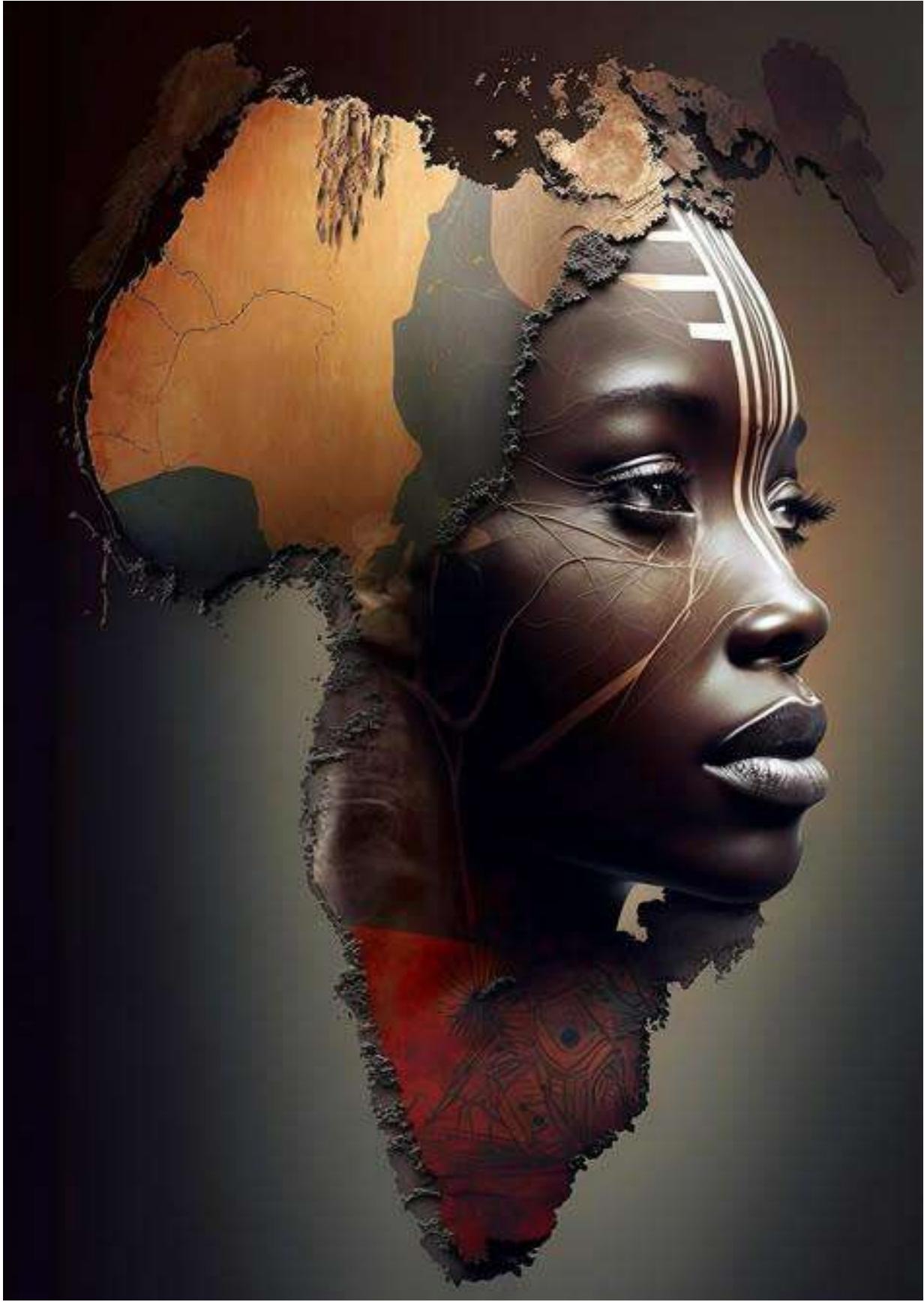


XI

PALAVRAS DE MARIBEL

Eu pouco ou, se não mesmo, nada conhecia de Marissol. Marissol é filha de alguns pais, eu sou filha de pais nenhuns. Minha existência pouco existe e, para já, peço desculpas se, num dado momento, ela fez-vos entender que eu e ela éramos a mesma pessoa e que vivíamos a mesma vida, pois isso não é verdade. Eu existo num mundo e ela noutra como poderíamos ser única? Ela vive a vida e eu vivo a morte, ela dia e eu noite, em sua terra fala-se de feitiços e feiticeiros e quiçá sejam estes que se mantêm entre nós. Arrisco-me, agora, a afirmar que deve haver um feiticeiro entre nós. Entre o dormir e o acordar: há, sim, um feiticeiro entre nós.

Pouco creio em estórias de feitiços e feiticeiros. Cá, no meu mundo, pouco se fala acerca. Talvez seja porque nós mesmos sejamos nossos próprios feiticeiros. Ou será que existe cá feitiços e feiticeiros? Não me arrisco a afirmar nada. Prontos! Com efeito, a não tornar esta narrativa enfadonha, hei de devolver a palavra à vossa querida Marissol, mas, em conclusão, digo que talvez tenha sido um equívoco afirmar sem pensar que eu não conhecia Marissol, pois acompanho sua história desde o início de sua narração.



XII

UMA GRAVIDEZ

O dia amanheceu igual para todos exceto para mim. Tinha eu, neste dia, acordado sem vontade de viver, disposta a doar-me aos mortos quiçá algum deles ainda quisesse voltar à vida. A aldeia é cheia de feitiços diversos, mas que eu desconhecia. Apetecia-me, naquele momento, ser possuidora de um feitiço: um de trocar a vida pela morte.

- Sejam bem-vindos!

Ouçõ a voz da minha mãe dando vindas boas a um alguém. Curiosa, do meu quarto, espreito pela fresta da janela e apercebo-me que ela dera as boas vindas ao senhor Reis e ao feioso do seu filho: Kasinda. Escorreu-me um frio por todo o corpo e voltei a deitar-me como se nada tivesse visto. Do lado de fora ouvia-se gargalhadas de simpatia em surdina.

- Então, a nossa querida encontra-se presente?

Ainda consigo ouvir a pergunta do feioso. Minha mãe pouco tardou a respondê-lo.

- Está, sim. Só um instante. Anuncia minha mãe com a mais delicada gentileza.

Em minutos reduzidos ouço passos em direcção do meu quarto e não preciso de adivinhar que eram da minha mãe a pedido dos visitantes.

- Então, Marissol, levanta-te que tens visita.

Como dizer a minha mãe que no estado de gestação em que me encontrava não podia ver a cara daquele feioso com o risco de meu filho sair-se parecido com ele? Levantei-me contra meu grado, mas a favor da minha mãe. Apareci entre eles despreparada propositadamente para que desistissem do sonho de ter-me como esposa, mas de nada valeu, pois ainda conseguia ver a cara do feioso todo sorridente. Sorriso que a mim pouco me agradava com aquela boca de pargo todo baboso...

- Seja bem-vinda, querida! Anuncia senhor Reis estendendo-me sua mão.

Para mim, senhor Reis era até mais bonito que seu filho. De onde Kasinda adquirira tal rosto feioso? Sua mãe, Dona Minga, até é mulher de boas feições: quase branca de cor. Por essa razão, na aldeia, tratam-na por « kacindele» (pessoa branca), designação com que concordo. Aperto a mão do senhor Reis em seguida do feioso babão.

- Como está, Marissol? Pergunta o feioso babão soltando ainda mais babas que nem hiena que tinha visto carne apodrecida. Nada eu disse apenas soltei um sorriso. Não porque queria agradar o feioso babão, mas, sim, porque queria que ele soltasse mais babas até se inundar nelas.

- É uma rapariga muito linda. Diz senhor Reis para minha mãe e como se o elogio fosse dirigido a ela, minha mãe corase.

- Muito obrigada, senhor Reis, é sua futura nora não se preocupe.

Olho para minha mãe que me leiloara e depois para a cara do feioso babão que quase se afogava em suas babas de tanto me admirar. Surgiu-me um enjoo repentino. Só espero que não seja por ter visto as babas do feioso babão. Engulo o enjoo, mantenho-me firme na sensação.

- Estamos prontos para, no mês que vem, apresentarmos já os dotes de ocupação. Esbanja felicidades senhor Reis.

- Como assim? Pergunto faltando-me a voz.

- Estaremos aqui para recebê-las, senhor Reis. Expõe-se, feliz, minha mãe.

Uma felicidade que me tornava infeliz por toda vida.

- Ainda não. Contesto.

- Como assim? Inquieta-se senhor Reis.

Zangada, minha mãe vira-se para mim. Sabia eu que aquilo que fiz ia contra as regras da aldeia, pois quando se leiloava uma mulher na aldeia, esta – simplesmente- tinha o direito de manter-se calada e isenta de qualquer opinião.

- É que eu acho... Tento uma explicação.

- Você aqui não acha nada, Marissol. Interrompe minha mãe.

Porém, depois da interrupção feita pela minha mãe, com apenas um gesto, devolve-me a palavra senhor Reis.

- É que o senhor sabe, senhor Reis, que nesses casos dispensa-se a opinião das raparigas é a regra da aldeia.

Não obstante ao que minha mãe dissera, continuava senhor Reis me com o gesto de dar-me a palavra. Então digo:

- Acho que estou grávida.

Boquiabriram-se os convidados visitantes incluindo minha mãe. Para ela, eu era virgem e só, ainda, uma mulher que engravidara virgem. Aprendi isso com padre Sapalalo.

- Que brincadeira é essa, Marissol? Toma a palavra minha mãe.

- Não é brincadeira, mãe.

Puxa-me pelo braço, minha mãe, e põe-me dentro do quarto, pois aquilo era uma vergonha para ela e, também, conversa de família. Já no quarto, minha mãe volta para fora a se desculpar com os visitantes pelo mal-entendido, que para mim, não passava de um livramento, sim, do feioso babão.



XIII

A CLAUSURA

Lembro-me, desde aquela visita, de que minha vida fora apenas um tremendo confinamento. Já mal podia ver o nascer do e o por do sol, apenas as quatro paredes que cercavam meu quarto e mais nada.

- Não acredito nada nessa história de gravidez. Vou chamar a curandeira para testar a tua virgindade. Anuncia minha mãe já na porta entreaberta do meu quarto.

Meu pai sabia muito bem o quanto gostava eu de inventar histórias, por isso pouco acreditava na minha gravidez, para ele, inventada.

- Não precisa de trazer para cá a curandeira, mulher, que a rapariga sequer está grávida.

- Preciso ter a certeza.

- Só não entendo o porquê de tanta insistência nisso.

- Não vê, mano Tita, não vê? Essa menina quer estragar seu futuro só pode.

- Mas, de que futuro tanto falas, mulher?

- O casamento com um homem bom e trabalhador.

Meu pai pouco mantinha gostos com o feioso babão, por isso pouco lhe agradava a ideia de casar-me com ele.

- Falas do filho do senhor Reis?

- Sim, esse mesmo.

O casal afastou-se e essas foram as últimas palavras que consegui apanhar do quarto onde estava enclausurada. Os dias foram-se seguindo e já não tinha noção de quanto tempo se tinha passado. Certa manhã, enquanto me preocupava em arrumar-me o cabelo como quem fosse receber um príncipe que por muito esperava, minha mãe surpreendeu-me acompanhada de sua visita: a curandeira de que antes falara. A senhora já pouco via o chão onde pisava, mas era capaz de reconhecer tudo, talvez, apenas farejando. Foi o que me pareceu, pois ela reconheceu-me apenas com um inspirar e expirar do ar.

- Marissol!!! Disse.

Nada me ocorreu como resposta àquele chamamento.

- Querida Marissol, como cresceu!!! Continuou.

Então, ela já me vira? Onde será? Pensei.

- Lembras de mim, querida?

Faço não com a cabeça.

- Mas, lembras do Josemar?

Faço sim com a cabeça e acrescento com a palavra.

- Sim, lembro.

À minha minha mãe admirou-lhe o entusiasmo com que respondi a pergunta à curandeira.

- Eu seu bisavó do Josemar. Fala com entusiasmo.

Lembrei-me de que uma vez Josemar me contara sobre sua bisavó médica-curandeira famosa cá, na aldeia, mas nunca eu a tinha visto de rosto.

- Sim. Josemar já me falara da senhora antes.

Minha mãe ficava cada vez mais alheada com a nossa, agora, amizade e a curandeira sem precisar penetrar seus dedos em minha vagina para constatar a presença do hímen, com apenas um aperto no meu pulso disse:

- Tu não estás ngrávita não se preocupa, querida. Anuncia a curandeira servindo-se do seu apanhado português.

Preocupou-me esse anúncio.

Eu não posso ter filhos? Pensei. Mas, tranquilizando-me o pensamento acrescenta a curandeira:

- Ainda não chegou o tempo nem homem que ingravita você, querida.

Puxando-me a mão como se quisesse soletrar um título e olhando nos meus olhos e depois para minha mãe acrescenta:

- Tua filha já tem uma paixão, então, será inútil tentar lhe juntar a esse filho do senhor Reis.

Minha mãe aquietou-se calada como, se, se ela duvidasse das palavras da curandeira lhe caíssem uma chuva de maldições. Com um sorriso, primeiro para mim e depois para minha mãe e, com um toque sutil em seu ombro antes de se retirar do quarto, ainda repetiu a inutilidade de juntar-me ao feioso babão.



XIV

O REENCONTRO

Devolvo agora a palavra a Josemar
em considerações finais como prometido.

Era noite de lua e o sono me faltava. A cama parecia enxotar-me para fora de si com o pretexto de ela também adormecer num profundo sono. Obedeci-lhe. Decidi, com passos contados, caminhar e sentar-me a berma do rio que recebera o nome da aldeia: «RIO KUVOCO». Nome dado em comunhão pelos homens da aldeia pelo facto de este preservar um dos membros superiores dos homens mais renomados que antigamente ocuparam a aldeia. Meu pai diz sempre que estes braços são os que sustentam a aldeia e agarram a água do rio e, a maioria dos outros homens abanava a cabeça em confirmação.

A água tornava-se cada vez mais reluzente com a luz dos pirilampos sobrevoando-a, o coaxar dos sapos musicava a noite e os peixes saltitavam que nem alegres bailarinos.

«O rio está em festa». Pensei.

Entretive-me a apreciar a boda da fauna, quando de repente ouvi:

- Você também está sem sono?

Encanto-me ao ouvir a doce voz que despisto o olhar da celebração da fauna e viro-me a ver se reconhecia a proprietária. Era ela. Mas, que fazia ela naquele lugar àquelas horas?

- Tu também vens cá quando estás insone?

- Só hoje me apeteceu. E tu? Pergunto.

- Este é o meu lugar favorito quando o sono me falta.

Na ausência do sono, os humanos preparam o café sem saber que ficarão ainda mais insones. Cá, na aldeia, em vez do café, a fauna preparava o sono. Aquelas palavras todas eram de Marissol. Afinal, ela encantava-se também com a festa que os animais preparavam, por isso participava dela sempre que não tinha ânimo para dormir.

- Vês aquele pirilampo, Josemar?

- Vejo, sim.

- Chamo-o de pirilampo do sonho. Tu tens um sonho?

- Tenho vários...

- Deposite na sua lamparina àquele que mais acha ser importante.

Sem palavra alguma desejei que voltasse a ver Maribel. Só espero que Marissol não tenha ouvido meu desejo, pois pouco se alegraria e, eu menos queria entristecê-la naquele momento.

- Já? Pergunta sorridente Marissol.

Deu-me, naquele momento, vontade de apagar o desejo e voltar a desejar outro.

- Não...ainda não. Respondi perdido naquele sorriso.

- Por que não?

- E que, na verdade, eu não sei se esse sonho que acho ser importante é mesmo importante.

- Como assim? Pergunta Marissol ainda mais curiosa.

Afinal, tinha razão Maribel quando disse que a beleza não via pela fresta do olhar. Será que eu já abrira os olhos por completo? Pois via o deslumbrante e fascinante sorriso de alguém que sempre estivera do meu lado de outra maneira.

- Sabes... a gente nunca sabe o quanto algo é importante para nós até existir outra coisa que comparar. Digo.

- O que queres dizer? Quer fazer outro desejo?

- Acho que sim. Posso?

- Bom...deixa ainda conversar com o pirilampo a ver se ele permite.

Marissol ergue-se, mas antes com um olhar de dizer o quanto eu era inapto e sorriu. Sabia eu que naquele momento abrira meus olhos por completo e a pedido de Marissol, pus-me em pés e juntos olhamos o quanto infinito era o rio. As águas guardam segredos e nós humanos também. Porém, meu segredo suponho já ter sido descoberto pelo pirilampo e mais cedo ou mais tarde este conta-lo-ia a Marissol. Não liguei.

Estendo minha mão entreabrindo os dedos para Marissol e ela, primeiro com um olhar branqueado depois com um sorriso, agarra-me a mão como se tivesse medo de ela cair e quebrar-se se ficasse pendurada por muito tempo. Sorrimos calados e deixamos que o silêncio tomasse conta para que os corações segredassem o que as bocas temiam contar com palavras.



XV

PALAVRAS DA CURANDEIRA: A REVELAÇÃO.

Hei de contar-vos, nesse capítulo final, verdades sobre essa aldeia. Já devem ter se apercebido de que há cá, na aldeia, feitiços diversos, pois são só feitiços mesmo porque feiticeiro só há cá um: o tempo. Este é o culpado por levar e trazer vidas, é a distância que separa os vivos dos mortos: um feiticeiro entre nós: feiticeiro dos que gozam da vida e daqueles que já dela se dispensaram. Ele é o inventor de Maribel e Marissol, pois dois corpos pertencentes a mundos diferentes jamais podiam se cruzar.

Um vivia a vida e o outro a morte. Com o feitiço da alquimia, fez o tempo a troca das almas da Marissol e Maribel tornando ambas imortais e, apesar de Maribel já ter morrido, ocupava o corpo de Marissol quando esta dele se desossava. Hei de contar também o segredo que na aldeia todos desconhecem: Marissol e Maribel podiam se resumir num único corpo, mas nunca numa única pessoa, pois eram que nem dia e noite. Marissol representava o dia por ocupar o corpo durante o dia e Maribel representava a noite por ocupar o corpo durante a noite quando Marissol se encontrasse na pequena morte. Então, é normal que chamem Marissol de Maribel ou Maribel de Marissol, pois são ambas uma só carne.



SOBRE O AUTOR



Paulino José Fernando Wacahamba, cidadão angolano, Poeta, prosador e músico, filho de Fernando Wacahamba e de Isabel Fernando natural da Matala/Huíla, nascido aos 04 de Março de 2001. Licenciando em Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Huíla. Frequentou o Ensino Médio na especialidade de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica na Escola de Magistério Patrice Lumumba-Moçâmedes, concluiu o I Ciclo do Ensino Secundário no Colégio Maria De Lourdes Van-Dúnem no Namibe e o Ensino Primário no Complexo Escolar N^o21 Tchinducuto.

UM FEITICEIRO ENTRE NÓS
PAULINO JOSÉ FERNANDO WACAHAMBA

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS

PAULINO JOSÉ FERNANDO WACAHAMBA

Esta obra está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP", "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

